

*H*á pouco tempo foram publicados dois interessantes artigos referentes às áreas do ensino e da pesquisa. O primeiro deles, da autoria de Marcos Sá Corrêa, intitulado: "É só o país querer." (revista VEJA, 14/mai/97) – depois de mostrar com muitos exemplos que os melhores resultados em testes internacionais de matemática e ciências não têm sido obtidos por alunos de países mais desenvolvidos – termina com a seguinte provocante afirmativa: "o que dá resultado comprovado em educação é a escola que aplica com modéstia, perseverança e rigor velhos métodos de ensino. E isso, se quiser, até o Brasil pode ter."

O segundo artigo, assinado pelo economista Cláudio de Moura Castro, afirma com muita perspicácia, e não menor coragem, o que para muitos mentores do ensino universitário brasileiro é considerado uma verdadeira heresia, a saber: não é essencial que o ensino do 3º grau esteja associado à pesquisa nem vice-versa. ("Uma herética separação entre ensino e pesquisa", revista VEJA, 04/jun/97).

Aliás, a propósito deste segundo assunto será sugestivo lembrar o testemunho do insigne professor e pesquisador americano Dr. Alan V. Oppenheim ao agradecer homenagem a ele prestada no Japão. Em seu discurso de agradecimento o professor Oppenheim disse que gostava igualmente do ensino e da pesquisa; entretanto, se fosse obrigado a optar, escolheria o ensino.

Todas as referências anteriores parecem-nos oportunas, mormente neste 3º trimestre, época em que o nosso tradicional Instituto Militar de Engenharia comemora mais um aniversário (11 de agosto).

No que tange à pesquisa no IME, lembramos que ela foi, por assim dizer, oficialmente introduzida quando aqui se iniciaram os diversos programas de pós-graduação, no início da década de 70. Muitos trabalhos já foram por nós realizados, sejam de específico interesse militar, tais como: os estudos do colete à prova de bala, da propagação rádio na Amazônia, da munição flecha, e outros; sejam do interesse geral do país, tais como: os estudos do problema dos solos lateríticos na construção de estradas, do álcool como combustível em motores de explosão, da obtenção do L-dopa através do óleo do sassafrás, e outros. Ninguém poderá, pois, dizer que a nossa veneranda casa da Praia Vermelha tem ficado distante dessa bela e útil atividade que muitos julgam inseparável do ensino universitário.

Não pretendemos, no pequeno espaço deste Editorial, dar a última palavra sobre o assunto; todavia achamos que os autores por nós referidos merecem ser lidos com muita atenção, pelo menos para que possamos, por eles inspirados, estabelecer critérios rigorosos, é óbvio, porém independentes para avaliar nossas atividades acadêmicas.